

# A EDUCAÇÃO EM KANT: A INTERSECÇÃO DA MODERNIDADE E DA CONTEMPORANEIDADE

## EDUCATION IN KANT: THE INTERSECTION OF MODERNITY AND CONTEMPORANEITY

José Genivaldo Martires **1**  
Maria Lenilda Caetano França **2**  
Waldinei Santos Silva **3**

*Resumo:* O artigo discute as contribuições das obras *Sobre a Pedagogia* (1999), *Textos Seletos* (1985), e outras, de Immanuel Kant, à educação contemporânea. A análise de tais obras nos permite identificar ideias sobre o homem e sua formação pedagógica, fornecendo uma ótica introdutória em relação à educação baseada nos princípios do cuidado, disciplina, instrução e formação. Ao afirmar que educação é o princípio de emancipação do homem da animalidade, Kant situa a pedagogia como elemento fundamental para construção de uma sociedade racional. Desse modo, consideramos que as contribuições kantianas trazem caracteres importantes a serem discutidos no âmbito educacional contemporâneo, tendo em vista a necessidade de perfilharmos um caminho onde o esclarecimento nos levará a emancipação e ao alcance de uma sociedade em pleno progresso.

**Palavras-chave:** Kant. Educação. Progresso Social. História da Educação.

**Abstract:** The article discusses the contributions of the texts *Sobre a Pedagogia* (1999), *Texts Seletos* (1985), and others, by Immanuel Kant, to contemporary education. The analysis of such works allows us to identify ideas about man and his pedagogical training, providing an introductory perspective in relation to education based on the principles of care, discipline, instruction and training. When affirming that education is the emancipation principle of man from animality, Kant places pedagogy as a fundamental element for the construction of a rational society. In this way, we consider that the Kantian contributions bring important analysis to be discussed in the contemporary educational scope, in view of the need to shape a path where clarification will lead us to emancipation and to reach a society in full progress.

**Keywords:** Kant. Education. Social Progress. History of Education.

---

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). **1**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7556932948020914>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7981-778X>.  
E-mail: [jgmartires@gmail.com](mailto:jgmartires@gmail.com)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). **2**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1842259102357566>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8205-3795>.  
E-mail: [lenildaufs@gmail.com](mailto:lenildaufs@gmail.com)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). **3**  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5753237099475260>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4031-6013>.  
E-mail: [wysilver@gmail.com](mailto:wysilver@gmail.com)

## Introdução

O propósito desse trabalho é refletir sobre as contribuições do filósofo alemão Immanuel Kant à educação, através de estudos e referências bibliográficas, presente nas obras *Sobre a Pedagogia* (1999), *Textos Seletos* (1985), de Kant, bem como textos de comentadores. Kant (1999), nos apresenta ideias sobre o homem e sua formação pedagógica, nos fornecendo um olhar introdutório em relação à educação baseada nos princípios do cuidado, disciplina, instrução e formação.

Nesse percurso, o pensamento de Immanuel Kant sobre autonomia e disciplina se relaciona à educação. O filósofo acredita no progresso da humanidade por meio da educação, destacando que ela não representa uma fórmula mágica de resolver todos os problemas, tendo em vista fazer parte de um processo histórico e filosófico que deve ser contextualizado e problematizado. Para Kant (1999, p. 11), o homem é a única criatura que precisa ser educada, uma vez que se diferencia dos animais através da disciplina, porém, essa transição da animalidade para a humanidade só faz sentido dentro de um projeto educativo e pedagógico, considerando o ser humano capaz de se afastar dos próprios instintos construindo a autonomia de sua identidade por meio da educação, uma vez que “[...] o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz! Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros” (KANT, 1999, p. 15). Nesse prisma, o homem deve desenvolver primeiro as disposições naturais para o bem, porém elas não se desenvolvem por si mesmas necessitando de uma racionalidade “[...] a arte da educação ou pedagogia deve, portanto, ser raciocinada, se ela deve desenvolver a natureza humana de tal modo que esta possa conseguir o seu destino” (KANT 1999, p. 21).

Nesse artigo, tratamos inicialmente de descrever o projeto pedagógico moderno, a partir das concepções de Kant, para posteriormente analisarmos como o seu pensamento moderno é direcionado à educação. Consideramos que a educação contemporânea está alicerçada na modernidade, visto que alguns pilares ainda continuam os mesmos, tais como o papel público da educação e o papel fundamental da escola para o desenvolvimento da disciplina e razão. A educação e disciplina estão em níveis de igualdade, as técnicas de ensino/aprendizagem se adornam, porém, a base continua a mesma, tendo em vista que, de acordo com Kant educação e cidadania se equiparam.

## O Projeto Pedagógico Moderno em Kant

O discurso pedagógico nasce da necessidade de levar o indivíduo a pensar por si mesmo sobre o entendimento de que as coisas das ciências são diferentes do sentimento. Essa concepção toma corpo no século XVIII com o conceito de modernidade e está relacionada com sinônimo de razão, verdade, esclarecimento e autonomia, intrinsecamente ligado as luzes, ao período de iluminação do homem no seu modo de pensar e agir. Para Kant (1999), as Luzes endereçam-se ao indivíduo na sua particularidade, é preciso ter coragem de servir do próprio entendimento, e esse último deve ser alicerçado na razão, a qual traz progresso, desenvolvimento e felicidade. Segundo Oliveira e Menezes (2011), a filosofia toma a razão como guia na modernidade, no entanto, faz-se necessário entender tal conceito.

De acordo com Habermans (1990), Hegel foi o primeiro filósofo a desenvolver um conceito de modernidade, utilizando-se das expressões “novos tempos” e “tempos modernos” e/ou “a época mais recente” para o ano de 1.800 e os três séculos seguintes. Para Hegel, a descoberta do “Novo Mundo”, o Renascimento e a Reforma, compreendidos como os três grandes acontecimentos que marcam a transição entre Idade Média (século XVI) e Idade Moderna (século XVIII), bem como caracteriza os tempos modernos de uma forma geral por uma estrutura de auto relação com subjetividade. Esta expressão, de acordo com Hegel, implica em quatro conotações: “a) individualismo, b) direito a crítica c) autonomia de agir e d) filosofia idealista” (HABERMANS, 1990, p. 27), sendo no final do século XVIII que o problema da auto certificação se torna uma questão fundamental da filosofia hegeliana. Nesse sentido, Habermans (1990), afirma ainda que para Max Weber, o conceito de modernização é resultado de vários processos históricos que foram acumulados e reforçados com o tempo, por exemplo: a formação de capital e mobilização de recursos, o desenvolvimento da produtividade do traba-

lho, o estabelecimento de poderes políticos centralizados, formação de identidades nacionais, etc (HABERMANS, 1990, p. 214).

Arendt (2000), considera que Galileu foi o autor crucial da era moderna, quando Galileu usa do telescópio para desvendar os segredos do universo à humanidade. Ele certifica que a Terra não é o centro do universo de forma empírica, o universo infinito é expresso em linguagem matemática, sendo que as verdades precisam ser experimentadas, e propõe a separação das esferas expressas em três tipos de fatos: a) verdade de fato pertence a ciência, b) verdade de razão a filosofia, e c) a verdade de fé pertence a religião. Dessa forma as categorias se apresentam como campos autônomos com compartimentalização por áreas de estudos que passam a ser racionalizadas. “A racionalidade ocidental capitalista e cristã tem sua consolidação na modernidade” (HABERMANS, 1997, p.3), quando a ideia de Lutero sobre a religião passa a ser reflexiva e postulada pelo ser humano., mas é o século XVIII que dá forma a racionalidade e ciência a partir de uma elaboração filosófica.

Na modernidade, a vida religiosa, o estado e a sociedade, bem como a ciência, a moral e arte transformam-se em outras tantas encarnações do princípio da subjetividade. Dessa forma, Habermans (1997), afirma que Hegel compreende a filosofia kantiana como a auto interpretação determinante da sociedade, destarte, “[...] Kant substitui o conceito substancial da razão da tradição metafísica pelo conceito de uma razão cindida nos seus momentos e cuja unidade não é mais do que formal” (HABERMANS,1997, p. 29). A racionalidade assim concebida é passível de um projeto de ensino e educação que toma corpo nos debates filosóficos devendo se estender não só as crianças, mas é importante que se comece no seio familiar.

Se a educação é tão importante no século das Luzes é porque os filósofos sabem, após Descartes, que os preconceitos se enraizaram nas primeiras épocas da vida, quando a razão não está ainda formada para contrariá-los. Ora se os preconceitos se transmitem pela educação, não será necessário trabalhar somente com as crianças, mas também com seus pais e seus preceptores, pois o círculo vicioso da ignorância só pode ser vencido na sua própria fonte (CROUSAZ,1722, I, p. I-III, Apud OLIVEIRA ; MENEZES, p.72).

Para que haja uma educação é necessário que esta englobe pais, alunos e professores e que se valorize o subjetivo, o interior do indivíduo. De acordo com Rousseau (1995), não se pode medir o sujeito pela exterioridade, visto que a educação só pode ser do indivíduo, do ser humano, e conseqüentemente a criança tem que ser tratada como tal e não como ser sem identidade, por isso critica o modelo das escolas jesuíticas, chamando-as de insensatas.

Não é apenas Rousseau que critica esse modelo vigente da educação, Chervel (1990), salienta que no século XIX, a criança tomava horror ao mestre, à cartilha, ao catecismo, a todo o gênero de estudo e, frequentemente, por toda a vida. Seriam esses enunciados declarações de que a escola não consegue cumprir o papel de educar. No século das luzes, a luta é para que se estabeleça uma escola pública, civil e laica, devendo haver uma separação entre religião e a educação, “[...] não que não seja mais necessário ocupar-se de Deus e da religião revelada, mas recusar-se a começar pelo que, assim como a filosofia aliás, deve ser o resultado de um processo e não do seu ponto de partida” (OLIVEIRA ; MENEZES, p. 79). Para a filosofia, a educação possui uma base empírica e não é privilégio apenas de uma determinada classe, deve ser destinada a todos.

A marca empírica incorporada aos pedagogos-filósofos deve ser de que para se chegar ao intelecto faz-se necessário passar primeiro pelos sentidos. Locke (1999), sinaliza que a mente humana é uma tábula rasa, quem vai escrever nela é a experiência, assim a criança escreve os conteúdos de sua mente e o pedagogo se dirige a criança como ser passível de ser educada. A educação é uma preparação para a experiência empírica do corpo e a criança deixa de aparentar um ser angelical, imaculado.

Em relação ao ensino religioso, esse depende do processo que se desenrola durante

a educação, o processo educativo mostrará se o indivíduo quer ou não adentrar o campo teológico. Nessa perspectiva, todo ser humano é passível de perfectibilidade e progresso, sendo que a crença no progresso é fundamental para o progresso pedagógico. Para Kant (1985), o indivíduo precisa ser preparado para ser inserido no projeto pedagógico, no qual o professor precisa trabalhar a razão e não fazer o papel sentimental, conseqüentemente, é necessário que os professores sejam esclarecidos para que resulte em alunos esclarecidos de razão, sendo que, o professor deve ensinar o aluno a pensar, e prover meio para que ele aprenda a pensar sozinho, uma vez que, o homem que é capaz de entender sem ajuda de outrem é uma pessoa esclarecida. Mas o que é esclarecimento? O termo é assim descrito por Kant:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem direção de outrem (KANT,1985, p. 100).

A menoridade corresponde a preguiça, é o fator que o mantém na condição de menor por toda a vida por ser mais cômodo. Para Kant é muito cômodo pensar igual ao outro e muitos preferem permanecer na menoridade devido incapacidade de utilizar seu próprio entendimento. Sobre a dificuldade de sair dessa fase, Kant salienta:

É difícil portanto para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade (KANT,1985. p.102).

Nessa percepção, configura-se então um ser inautêntico, incapaz de refletir de forma aprofundada, o que resulta em uma vida cotidiana biológica, sem pré-disposição, cheia de fórmulas e preceitos injetados, introjetada pela família e religião. A criança precisa ser dada a oportunidade de desenvolver a criticidade. De acordo com Kant, é impossível uma criança crítica, pois o esclarecimento é sempre síntese da contribuição da escola e família. A escola, portanto, exerce papel fundamental para maioria e todos devem atingi-la. O exercício da razão é um exercício público, no entanto, as sínteses são sempre pessoais, cabendo a escola o rompimento, a quebra da individualidade, porém não se pode ter liberdade sem disciplina.

Em relação a formação, Kant observa que ela só acontece quando passa pela disciplina, ou seja, a escola e não a creche. Esse conceito de disciplina ganha considerável importância para filosofia clássica alemã, tendo em vista que as ideias se educam pela disciplina/educação, é um ato repressivo, pois segundo Kant a criança é violenta por natureza. Ela não tem medo, é instintiva, possui um lado violento de manifestação selvagem.

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo (KANT, 1996, p.11).

O que diferencia a animalidade que é individual da humanidade que é coletiva é a disciplina, a razão, a linguagem e a liberdade. A razão é uma faculdade que se desenvolve, sendo assim inerente ao homem que deve buscar desenvolver o uso da razão nos menores através da educação e disciplina. Kant, considera que “[...] uma geração educa a outra por estar melhor aparelhada para guiar a espécie humana que está por vir” (KANT, 1999, p.19), conferindo ser um dever moral que se caminhe para melhor. Cada geração transmite as experiências às gerações futuras acrescentando algo àquelas que seguem, sendo possível a ideia de uma humanidade melhor, donde a disciplina faz parte desse processo, porém, para Kant, a disciplina tem data de validade, contendo início, meio e fim, por isso deve-se começar cedo. A educação formal deve ser estabelecida até os dezesseis anos de idade, pois segundo Kant, é até essa idade que o instinto sexual se desenvolve.

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas isso deve acontecer bem cedo. Assim as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, afim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (KANT, 1996, p.13).

Vemos que a ideia de disciplina é necessária porque se essa não existe o resultado é a selvageria, a escola exerce papel importante no controle da barbárie juntamente com o Estado. Quando a escola constrange, restringe, ela disciplina o indivíduo, no entanto, o Estado está acima para arbitrar a sociedade, sendo o único a deter o poder da violência para exercer o controle e manutenção da ordem. Assim, o professor é o mestre e o governo, o guia, a disciplina é a etapa propedêutica na formação do homem, só depois dá-se início a instrução com as disciplinas, que é mais importante para Kant do que a cultura, pois para este, um homem sem cultura é um bruto e sem educação é um selvagem. Sendo assim, as educações estão associadas a felicidade, ao progresso e a moralidade.

Para Kant, na razão se encontra as duas formas puras da sensibilidade que são independentes da experiência e o indivíduo não pode ser afastado das formas puras da sensibilidade que são espaço e tempo, já que esses conceitos dão cortes radicais sobre quais objetos podem ou não ser teoria e ciência. Se um objeto não ultrapassa a sensibilidade não pode ser considerado nem teoria, nem ciência. Para Kant existem três tipos de objetos de ciência: a) o objeto passível de ser assimilado pela razão, b) um objeto possivelmente assimilado pela razão pura, c) um objeto que jamais será assimilado pela razão pura. Este último refere-se aos antigos objetos da metafísica, estão relacionados a Deus, mortalidade da alma, pois não estão pertinentes as duas sensibilidades do espaço e do tempo. A ciência adentra o campo das ideias, e elas são fruto de uma razão prática. As ideias são construções ou máximas que orientam as ações, a liberdade e a moralidade, ocupando o campo da educação, da história e da religião.

Todos possuem disposições naturais que precisam ser desenvolvidas em espécie. O motivo pelo qual o homem vive em sociedade é porque desenvolve melhor as disposições. Um indivíduo privado do seu meio social demoraria para desenvolver habilidades, pois não possui meios de reconhecer necessidades estabelecidas no âmbito social, sem passar pelo processo de educação. Na educação, segundo a perspectiva kantiana, o homem deve ser:

- 1) Disciplinado para impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, a disciplina consiste em domar o instinto selvagem.
- 2) o homem deve ser culto, uma vez que a cultura abrange a instrução e vários conhecimentos.
- 3) prudência para que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência e por fim
- 4) cabe a educação cuidar

da moralização para que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins (KANT, 1996, p. 27).

Kant, no discurso pedagógico, se ocupa sobre a educação física e educação prática. Sobre a prática, diz que “[...] quanto mais costumes tem um homem, tanto menos livre ele é” (KANT, 1996, p. 51). É preciso que ao homem seja dado mais cultura, sendo necessário trabalhar para obter seu sustento, já, a criança não pode pensar que tudo é divertimento e nem sempre a educação pode ser lúdica, principalmente se relacionada a algumas disciplinas como matemática, por exemplo que exige lógica e raciocínio em contraposição ao vernáculo, cujo trabalha com a expressão do raciocínio, levando o aluno a saber distinguir ciência de opinião e crença. Segundo o autor, a memória deve ser cultivada logo cedo, ela é um *background* que deve ser incentivado na mesma medida da inteligência

Kant visa caminhos para a convivência do homem em comunidade, embora necessite moderar as paixões, o controle e o temperamento. De acordo com Kant, prática e moral são a mesma coisa e pertencem a educação. A habilidade, a prudência e a moralidade se inserem na educação prática. A forma de nos relacionarmos com os outros, as civilidades, boas maneiras, cumprimentos envolvem às vezes a arte da dissimulação. A vida social é dissimulada, sem ela a convivência seria impossível, pois envolve mecanismos de regulação de forma que possamos sobreviver, é uma hipocrisia social necessária. A forma como pensamos é decisiva para nosso caráter, os hábitos formam os pensamentos e os pensamentos o caráter, do mesmo modo, a moralidade tem conexão com o caráter, com a moderação das paixões. O indivíduo tem tendências que se trabalhadas não se tornam paixões, execução prazerosa, a paixão não pode ser atômica porque inviabiliza a vida em sociedade.

No que concerne à educação prática, o homem para Kant precisa viver em sociedade para desenvolver as disposições. O outro é o maior estímulo para desenvolver as disposições que devem atender ao interesse da razão. A legislação, o direito, a dissimulação honesta estão a favor da vida em sociedade e vão desde a educação física até a educação moral para culminar no desenvolvimento do caráter em detrimento das paixões. Estabelece então, a necessidade da firmeza do querer, as máximas da ação devem ser dadas pela educação, uma vez que o indivíduo precisa ter determinação para se tornar autônomo. É importante observar que diferentemente de Rousseau, Kant acredita que houve progresso moral da humanidade, sendo o desenvolvimento moral apreendido em convívio com seus pares e com a educação, contudo salienta que é possível o progresso moral por conta de virtudes que o homem carrega consigo.

Pergunta: o homem é moralmente bom ou mau por natureza? Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva sua razão até aos conceitos do dever e da lei. Pode, entretanto, dizer que o homem traz em si tendências originárias para todos os vícios, pois tem inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto que sua razão o impulsiona para o contrário. Ele, portanto, poderá se tornar moralmente bom apenas graças à virtude, ou seja, graças a uma força exercida sobre si mesmo, ainda que possa ser inocente na ausência dos estímulos (KANT, 1999, p.102).

Kant (1999) considera que está destinado ao homem sair do estado da barbárie animal e que é fundamental manter os jovens afastados de inclinações violentas, não devendo ser deixados a sua própria sorte, tendo em vista, uma boa educação depender do estabelecimento de bons princípios que precisam ser entendidos pela criança. As ideias sobre a pedagogia de Kant revelam um filósofo preocupado com a educação por possibilitar o avanço moral do ser humano e com a ideia de que a felicidade é possível, apesar de obstáculos que precisam ser superados, tendo a visão de que a educação é uma arte que será melhorada no decorrer de



várias gerações.

### **A visão moderna de Kant sobre a educação**

Menezes (2000) ao tratar sobre Kant e a ideia de educação das luzes, demonstra como o filósofo se debruça em criticidade quando o tema é educação dos homens rumo ao progresso. Ele demarca o século XVIII como o século da pedagogia o qual lança ideias de um progresso da humanidade passível de educar-se. Seria o movimento das luzes que busca a verdade e exalta a capacidade de encontrá-la e transformá-la por meio da educação. O autor considera “[...] a educação é o vetor do progresso, fornece a base para a esperança num plano de conjunto da evolução humana, de um progresso geral rumo ao melhor. O valor nela depositado é traço importante da modernidade” (MENEZES, 2000, p. 114).

É preciso educar as crianças pensando em um estado melhor no futuro, nessa perspectiva Kant (1999), destaca que através da educação o homem deve ser disciplinado (afastar-se da animalidade), tornar-se culto (criando habilidades), prudente (civilidade), moralizado (fim da educação). Para Kant (1999, p. 27) “[...] não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar. Devem-se observar os princípios dos quais todas as ações derivam. Fica claro, portanto, quantas coisas uma verdadeira educação requer”. Nesse diapasão, Menezes (2000, p. 119), destaca o prisma da filosofia Kantiana em que o sujeito só possui uma história porque possui capacidade de aprender sempre, sendo impossível propor medidas essenciais, e, nesse processo a educação, se torna o mais difícil problema que se possa propor ao homem. O núcleo dessa dificuldade está no conceito atribuído por Kant ao esclarecimento de um povo, considerando o esclarecer como educá-lo, ou seja, fornecer-lhes instrumentos de se pensar por si mesmo, indo mais longe.

A base da educação Kantiana (1999), é a disciplina como parte negativa, pois é ela que impede o homem de desviar-se do seu destino, livrando-o da selvageria. Nessa perspectiva, a disciplina aparece como negativa, considerando que ela deve submeter o homem às leis da humanidade, de modo que as crianças devem ir bem cedo para a escola, onde deverão ser disciplinadas e instruídas, pois em não havendo essa disciplina desde a infância não será a idade adulta que irá discipliná-lo, redundando na existência de um selvagem desde a tenra idade até sua final provecta fase. O homem não deve satisfazer os seus caprichos e nem os da criança, pois esse é um grande erro na educação. Desse modo, o homem necessita de cuidados e de formação, e esta compreende a disciplina e a instrução. A instrução por sua vez, aparece como positiva, pois é o aperfeiçoamento da educação natural obtida na família. Assim, a educação deve partir de uma disciplina negativa para uma instrução positiva, ou seja, a primeira educação que vem da família deve ser uma educação negativa, natural e baseada na liberdade, não constringendo a criança nem a deixando tímida com expressões fortes.

Menezes (2016), na carta traduzida de Kant, numerada pelo autor como 109, retrata a ideia de educação negativa, ou seja, natural e libertária, através da indicação do filho de um amigo para que pudesse ser aceito em um instituto. Na carta, descreve-se a educação da criança prestes a completar 06 (seis) anos, afirmando que até o dado momento ela tem sido negativa.

Ele foi educado na liberdade, sem se tornar, por isso, insuportável. Jamais se foi áspero com ele, e sempre se conservou sua brandura por meio de observações feitas com serenidade. Conquanto não tenha sido adestrado nas boas maneiras, ele foi preservado da má educação sem tornar-se medroso e tímido por repressão. Em especial, isso foi necessário, para nele suscitar uma franqueza desceite e, sobretudo, para que não fosse impelido a se refugiar na mentira. [...] Por outro lado, ele nada aprendeu fora da grafia latina, que sabe registrar (mas somente a lápis) quando alguém lhe dita os caracteres. Ele é, desse modo, a tabula rasa sobre a qual nada foi ainda escrito, e que convém, agora, ser

confiado a uma mão de mestre, para que aí sejam gravados os caracteres indelévels da sã razão, da ciência e da probidade (KANT, 1776, *apud* MENEZES, 2016, p. 165).

Na carta, Kant representa uma análise da educação da criança de acordo com seus conceitos educativos e pedagógicos apresentando o menino como uma tabula rasa e disciplinada que deverá ser instruída pelos mestres, formando-o para a sociedade, mas com o cuidado de não atingir as crianças com palavras que possam coagir e deixá-las tímidas. Ainda na carta, cita também a perspectiva de religião pregada no instituto, como sendo em comum com a do pai da criança, na qual o conhecimento natural de Deus deve ser atingido passo a passo pela criança enquanto cresce e em razão, sem pautar-se diretamente e simplesmente de atos piedosos. Em seus escritos demonstra que a moralidade deve vir primeiro e só depois a religião, uma vez que através da consciência moral o jovem terá discernimento de questionar o divino por atos piedosos.

Para Menezes (2000), Kant deixa claro que o homem é o responsável e capacitado por criar sua própria história independente de uma luz divina. A felicidade ou infelicidade é obra dele e a educação nos torna o que somos. Sobre essa perspectiva, Kant (1999), afirma que a educação e a instrução não devem ser puramente mecânicas, mas devem apoiar-se em princípios.

A educação abrange os *cuidados* e a *formação*. Esta é: 1. *negativa*, ou seja, disciplina, a qual impede os defeitos; 2. *positiva*, isto é, instrução e direcionamento e, sob esse aspecto, pertence à cultura. O *direcionamento* é a condução na prática daquilo que foi ensinado. Daqui nasce a diferença entre o professor que é simplesmente o mestre – e o *governante*, o qual é um guia. O primeiro ministra a educação da escola; o segundo, a da vida (KANT, 1999, p. 29-30).

A educação em Kant é uma ideia a qual produz instrumentos para se pensar na escola. Para ele o fio condutor é a disciplina a qual através de instrução e formação produzirá uma liberdade moral de pensar, a educação auxilia no processo de desenvolvimento de habilidades que possibilita atingir máximas. Para Menezes (2000), em Kant a pedagogia é mais do que a pedagogia. Os homens são o que são por meio da educação, a qual faz a diferença entre os homens. A educação propaga identidades, de modo que deve haver princípios norteadores de inserção do indivíduo em comunidade por meio de instrumentos de socialização e instrução, meios de civilizar o homem por meio da educação. A pedagogia de Kant traz a possibilidade de se pensar um homem educado para a liberdade, de modo que saia do seu estado menor para um estado maior de vida e formas de pensar e raciocinar moralmente.

Immanuel Kant (1783), em sua obra em resposta à pergunta sobre “o que é esclarecimento”, evidencia que a educação tem como propósito a emancipação, através do esclarecimento o homem possa fazer uso público da razão, porém para se chegar ao esclarecimento precisa se libertar da prisão que ele mesmo constrói sendo alienado. Isso porque para ele tudo que o indivíduo faz leva-o a se acomodar socialmente, sendo muito mais fácil seguir as regras ao invés de raciocinar sobre elas, esse seria o estado de minoridade (incapacidade de se servir do seu próprio entendimento sem a tutela do outro, arte de obedecer), sendo necessário rompê-lo rumo à maioridade (ato de pensar por si mesmo). Esse processo só será possível por meio da educação baseada na emancipação e liberdade, fornecendo o desenvolvimento dos aspectos de esclarecimento, democracia, liberdade, consciência crítica, racionalidade e igualdade de oportunidades educacionais. Nesse sentido, a emancipação precisa ser elaborada em todos os planos de nossa vida. É uma constante luta por esclarecimento e emancipação.

Ribeiro e Zancanaro (2011), refletem sobre essa pedagogia kantiana calcada na auto-determinação crítica do indivíduo, refletindo sobre a educação para a liberdade descrita pelo



filósofo, apontada através do uso da liberdade e instrução. “A educação para Kant é a condição que contribui no processo do homem para alcançar autonomia. A definição de sujeito autônomo implica a liberdade” (RIBEIRO; ZANCANARO, 2011, p. 94). O fundamento da ação moral situa-se na autonomia da vontade, esta não deve surgir de uma vontade externa, mas conforme a razão do próprio homem.

Entende Kant que não é pelo fato de o ser humano ser dotado de razão que ele já é moral. A razão, ao contrário do instinto, precisa ser educada, treinada e exercitada. Kant infere que “o homem nasce como o mais frágil de todos os animais, uma vez que enquanto os outros animais requerem apenas nutrição o homem precisa de cuidado e de cultura”. A educação é um processo de disciplina que produz o “efeito positivo” de acostumar o ser humano a obedecer às leis, formar hábitos e a submeter-se às prescrições da razão. Isso é de fundamental importância, uma vez que o homem se difere do animal. Mas, o homem requer polimento (RIBEIRO; ZANCANARO, 2011, p. 95-96).

Nesse sentido, a educação está estritamente relacionada com a moral, de modo que a razão precisa ser polida por meio da educação. Para Kant (1783), a escola básica deve ensinar as crianças desde o princípio a ter argumentos para uma vida pública. Sendo assim, a adaptação exige um aumento do nível de reflexão, pois é preciso ter clareza para poder lidar com o espontâneo e o que caracteriza a consciência é o pensar em relação a realidade que se vive. As necessidades dos indivíduos são contínuas, e, portanto, exigem adaptações constantes.

A obra de Kant (1999), sobre a pedagogia divide a educação em física e prática. A educação física diz respeito aos cuidados com o corpo. Nesse processo, o autor destaca alguns cuidados primordiais tais como: o principal alimento ser o leite materno, não deixar o bebê muito aquecido, embalá-lo não serve e pode ser prejudicial ao seu bem-estar, deixar que chore à vontade, pois logo ficará cansado, deixar que aprenda a andar sozinho, sem utilizar tantos meios artificiais que o deixará dependente.

Na primeira educação jamais se deve gritar com a criança ou usar expressões fortes que a deixa tímida a ponto de não fazer mais perguntas, pois ela deve perguntar sobre tudo. É preciso criar situações favoráveis ao desenvolvimento físico da criança, cultivando a habilidade natural, incentivando a criança a criar por si mesma seus instrumentos. Nesse processo, o autor destaca a cultura livre, de desenvolvimento natural baseada no divertimento, e a educação escolástica que é séria e obrigatória. Sendo necessário que a criança seja habituada ao trabalho de obrigação, pois “[...] prejudica-se à criança, se a acostuma a considerar tudo um divertimento. Ela deve ter certamente o seu tempo de recreio, mas também as suas horas de trabalho” (KANT, 1999, p. 72).

A educação kantiana se volta ao desenvolvimento das potências superiores, as quais devem ser alcançadas por meio das inferiores. O fim global da educação deve ser atingido a fim de conseguir a cultura geral da índole (habilidade e aperfeiçoamento) esta que é física (disciplina, cultura passiva) e moral (máximas, ação ativa do aluno). Nesse aspecto, é preciso ensinar as crianças a pensarem segundo máximas, sendo a disciplina apenas o início do processo. Aconselha-se que quando a criança venha a mentir não se deve puni-la, mas tratá-la com desprezo, para que ela não venha a fazer o bem por recompensas e o mal sem receber castigos. Nesse processo só se usa o castigo físico diante da insuficiência das penas morais, de modo que a criança deve perceber que o fim da punição é o seu aprimoramento pessoal.

No que se refere à educação prática, descrita pelo filósofo, esta compreende a habilidade e moralidade dos sujeitos, sendo necessário que as crianças construam o seu caráter moral, e o educador precisa lhe ensinar boas normas e regras a serem seguidas. De acordo com Kant (1999), pertencem à educação prática: a habilidade, a prudência e a moralidade. A habilidade deve tornar-se pouco a pouco um hábito de pensar, sendo o elemento essencial do caráter do

homem e necessária ao talento. A prudência consiste na arte de aplicar aos homens a habilidade. A moralidade, por sua vez, diz respeito ao caráter sublime, a maneira de se preparar para uma sábia moderação. De modo que tudo o que se opor a moral deve ser excluído dos propósitos.

### Considerações Finais

Em Kant, a educação inclina o indivíduo à libertação, através da disciplina e instrução, devendo o homem sair do seu estado de minoridade rumo a maioridade a fim de fazer uso público da razão, esse alcance se dará por meio da moralidade que diz respeito ao ato de pensar racionalmente. Tal educação nos possibilita pensar sobre a construção da liberdade de pensamento, notabilizando a ação crítica, uma vez que formar é disciplinar e instruir. E é através da disciplina que o homem se submete aos preceitos da razão elevando o seu grau de pensamento para um estado melhor.

A educação é uma das mais difíceis artes que o humano dispõe, considerando sua heterogeneidade e complexidade pragmática de uma busca constante de aperfeiçoamento e esclarecimento. Educar é construir um juízo crítico, é questionar e se fazer questionar em um constante movimento de requinte na arte de pensar.

Nessa trilha de proposições, é notório que o pensamento moderno de Kant não está ultrapassado, podendo ser pensado na contemporaneidade e atual realidade pedagógica pragmática e nebulosa a qual nos deparamos. Pensar em uma educação para a libertação, esclarecimento e uso público da razão parece-nos uma utopia, porém assim como adverte Kant, o homem só se transforma e evolui por meio da educação, sendo necessário fustigar a arte de pensar como uma constante prática educativa e pedagógica, a fim de fomentar um pensamento crítico e reflexivo que saia de sua zona de conforto (minoridade) e faça uso público da razão (maioridade). Kant nos provoca a aprender a pensar sobre si mesmo, sendo esta a condição para a libertação. Nesse sentido, consideramos a importância das perspectivas kantianas para a educação contemporânea, uma vez que seus ensinamentos nos proporcionam um repensar as práticas pedagógicas atuais, despertando-nos o senso de criticidade e sentimento de coletividade. Kant (1999, p. 17) nos encaminha a reconhecer que o “[...] projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo. Não podemos considerar uma ideia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização”.

### Referências

ARENDDT, H. **A condição humana**. Trad. De Roberto Raposo, 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. De Ana Maria Bernardo. Lisboa: D. Quixote, 1990.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2.ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KANT, I. O que é Esclarecimento? In: KANT, I. **Textos seletos**. Trad. De Raimundo Vier. Petrópolis: vozes, 1985.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Tradução de Anoar Aiex. 1999.

MENEZES, Edmilson. Cartas sobre educação e ensino, de Immanuel Kant. Tradução de Edmilson Menezes. **Cadernos de Filosofia Alemã**. Jan.-Jun. 2016.

MENEZES, Edmilson. Kant e a ideia da educação das luzes. **Rev. Educação e Filosofia**. Uberlândia. Vol. 14, n. 27/28 jan./jun./jul./dez. 2000. pp 113-126. RIBEIRO, Sergio A.

OLIVEIRA, E ; MENEZES, E. **Modernidade Filosófica: Um Projeto, Múltiplos Caminhos**, Ed. UFS, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZANCANARO, Lourenço. Educação para a liberdade: uma perspectiva Kantiana. **Rev. Bioethikos**-Centro Universitário São Camilo - 2011; vol. 5, p. 93-97.

Recebido em 13 de maio de 2021.  
Aceito em 28 de setembro de 2021.